



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido Operário

Revolucionário (POR)

Nº 25/2025 - 26/07/2025

(11) 95446-2020

Ao Ato-Político “ABC em Defesa da Palestina Livre”

Construir a Frente Única Anti-Imperialista para deter o sionismo

Desde 7 de outubro de 2023, o genocídio em Gaza já ceifou mais de 62 mil vidas, 70% delas de mulheres e crianças, e feriu mais de 137 mil pessoas. Soma-se, ainda, milhares de mutilados, órfãos e desaparecidos. Gaza foi reduzida a escombros, com milhões de pessoas deslocadas, sem água potável, comida, medicamento ou abrigo. Os hospitais, escolas, universidades e campos de refugiados foram bombardeados. Segundo a OMS, 94% das instalações médicas foram danificadas. A entrada de ajuda humanitária está ainda mais restrita. De acordo com a Unicef, 85% da população de Gaza está em estágio de desnutrição irreversível. Centenas já morreram por inanição. Somente nos últimos dois meses, mais de 1000 famintos foram assassinados por israelenses nas filas de distribuição de alimentos. Os pontos de ajuda humanitária vêm sendo usados para drogar, alvejar e matar os palestinos.

O genocídio é executado com apoio dos Estados Unidos, que recentemente anunciou seu objetivo de expulsar os palestinos e fazer de Gaza uma Riviera, e respaldado pelas demais potências, que seguem garantindo a “paz americana”. O imperialismo, instrumentalizado pelo sionismo, abastece esses horrores com dinheiro, armas, tanques, caças e munições de fósforo branco, e lucra bilhões. A destruição de Gaza serve como laboratório para o imperialismo e seu complexo industrial-armamentista. Vale notar que o capitalismo em sua fase atual, de crise estrutural

e decomposição, só sobrevive por meio da destruição das forças produtivas e, portanto, da barbárie. O esgotamento da ordem mundial estabelecida após a Segunda Guerra amplia o desequilíbrio de forças e a opressão imperialista.

Eis por que o sionismo e os EUA escalam também os ataques contra o Irã, a Síria, o Iêmen, o Líbano e outros países da região, bem como em outras partes do mundo, como é o caso do recente tarifaço ao Brasil. Enquanto isso as potências aprofundam uma nova corrida armamentista mundial, usam a Ucrânia como bucha de canhão, fortalecem a OTAN e tentam esmagar qualquer país ou povo que não se submeta aos seus interesses. A resistência do povo palestino está inserida no marco da luta dos povos oprimidos contra a ofensiva do capital e da guerra. É uma trincheira avançada da luta anti-imperialista mundial.

A catástrofe que se abate sobre o povo palestino não começou ontem. Em 15 de maio de 1948, com a fundação do Estado sionista de Israel, teve início a Nakba: a catástrofe que expulsou mais de 750 mil palestinos de suas terras, destruiu mais de 500 aldeias e matou mais de 15 mil pessoas. A Nakba não foi um episódio isolado, mas o início de uma política sistemática de limpeza étnica, colonização e apartheid. O povo palestino nunca deixou de resistir, em todas as formas possíveis, inclusive com a resistência armada, em defesa de sua existência, de suas terras e de sua autodeterminação. Trata-se de uma resistência heróica contra os ditames do imperialismo e em defesa da autodeterminação da nação oprimida.

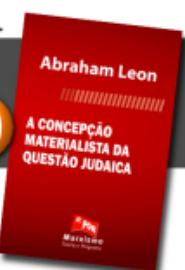
LANÇAMENTO! Adquirir já com o distribuidor do Massas.

A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA QUESTÃO JUDAICA

Abraham Leon

R\$ 30

Um estudo profundo da história de opressão sofrida pelos judeus. O caráter programático da obra do judeu Abraham se verifica no fracasso histórico do sionismo, da luta palestina, da decomposição capitalista e da necessidade dos explorados retomarem o curso das revoluções socialistas, proletárias e internacionalistas.



LANÇAMENTO!

PALESTINA

GUERRA NA FAIXA DE GAZA E GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO

Posição e resposta do internacionalismo proletário

R\$ 40

PALESTINA

GUERRA NA FAIXA DE GAZA E GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO

Somente a classe operária e os demais trabalhadores, organizados, unidos e em luta podem derrotar o Estado sionista de Israel, os Estados Unidos e aliados.

Adquirir já com o distribuidor do Jornal Massas.



O Estado sionista de Israel é um enclave do imperialismo no Oriente Médio, sustentado e armado até os dentes pelo imperialismo. Atua como um posto avançado do capital financeiro e militar internacional, um centro de exportação de tecnologia repressiva e armamentista, e uma base de apoio às guerras de dominação. Sua existência está diretamente vinculada à dominação econômica, política e militar das potências sobre os povos oprimidos do Oriente Médio. O Estado de Israel é um projeto colonial e supremacista a serviço do imperialismo. Apesar das ilusões democratizantes na farsa da coexistência de dois Estados no território palestino, o sionismo caminha para a anexação do que ainda resta do território palestino.

Qualquer vínculo com o sionismo é cumplicidade com o genocídio palestino. O imperialismo que hoje ataca o Brasil com taxas, chantagens e ameaças, é o que sustenta a máquina de guerra israelense. É escandaloso que o Governo Lula reconheça verbalmente o genocídio enquanto mantém o envio de aço para armamentos e eleva as exportações de petróleo para Israel em 51%. Somente uma frente única anti-imperialista, unindo sindicatos combativos, juventude estudantil e trabalhadores rurais, poderá derrotar os ataques do capital. Esse é o caminho para impor a ruptura total do Brasil com o Estado de Israel. Rompimento diplomático, comercial, militar, científico e cultural.

A experiência comprovou que a diplomacia e o humanitarismo foram incapazes de deter o sionismo e o genocídio inerente a ele. A única via capaz de pôr fim à opressão colonial é a luta revolucionária, pela República Socialista da Palestina, como parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio. Isso só será possível com a mobilização independente das massas árabes e do proletariado internacional, e não com acordos promovidos pelas potências ou pelas burocracias colaboracionistas. A libertação da Palestina exige uma revolução social e anti-imperialista na região.

A resistência palestina — das Intifadas às Brigadas e ao Hamas — mostra que só a luta massiva, a organização frentista e a solidariedade internacional podem derrotar o colonialismo. Os comitês de solidariedade são ferramentas fundamentais da organização em defesa da causa palestina. No Brasil, após 20 meses de genocídio, as centrais sindicais e entidades estudantis convocaram um ato unitário no dia 15 de junho que reuniu 30 mil pessoas na capital paulista, indicando a potencialidade política para a construção de uma verdadeira frente única anti-imperialista, desde os locais de trabalho, estudo e moradia.

Já passou da hora de romper com a passividade genocida e colocar o proletariado e demais explorados em movimento. A tarefa do momento é impulsionar a frente única anti-imperialista. É preciso que centrais sindicais, entidades estudantis e movimentos populares convoquem urgentemente um Dia Nacional de Luta, em defesa de um programa próprio de reivindicações e contra as guerras de dominação. É indispensável impulsionar os comitês, organizar debates, assembleias, piquetes em portos e refinarias, greves nos principais ramos industriais, paralisações nos transportes, ocupações de fábricas e manifestações de ruas. Todo empenho na construção da frente única anti-imperialista!

Que as centrais sindicais, estudantis e populares convoquem um Dia Nacional de Luta, com manifestações massivas!

Construir a frente única anti-imperialista!

Fora ianques da América Latina, fora Israel das terras palestinas!

Pelo fim imediato do cerco e da ocupação militar de Israel à Faixa de Gaza!

Todo apoio à resistência palestina!

Pelo fim do Estado sionista de Israel! Pela unidade de palestinos e judeus sob uma República Socialista da Palestina! Pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio!

